Contudo, ela faz um alerta: "Um pet saudável não deveria apresentar roncos frequentes ou intensos. Esse comportamento pode ser um sinal de dificuldade respiratória". Cães como pug, shih-tzu, buldogue francês, buldogue inglês e american bully — além de felinos como persas, himalaios e exóticos — compartilham o traço do focinho achatado e entram no grupo de maior risco para a síndrome braquicefálica.

Juliana aponta que essa síndrome é um conjunto complexo de alterações anatômicas que inclui o estreitamento das narinas (estenose nasal), o palato mole prolongado, a hipoplasia de traqueia e a eversão dos sáculos laríngeos. O resultado desse combo é um esforço descomunal para respirar. "Já atendi pacientes que chegaram a desmaiar devido à hipóxia cerebral e ao superaquecimento, pois esses animais ficam ofegantes com facilidade."

Experiências reais

Na prática de quem convive com esses pets, o ronco vira identidade da casa. É o caso de Arthur Ribeiro, 26 anos, tutor do Don, um buldogue francês de 4 anos. Para ele e sua família, o barulho noturno já virou paisagem sonora. "Quando era filhote, o barulho era menor, mas hoje o bichinho quando está empolgado no sono parece um trator. Chega até a ser fofo, minha mãe é apaixonada", conta Arthur.

O tutor relata que acompanha de perto a respiração do animal e já avalia intervenções futuras com cautela. "Estamos pensando em fazer uma cirurgia que amplia as vias aéreas para dar mais qualidade de vida a ele, mas temos que considerar o risco, porque pelo porte dele e pela própria dificuldade de respiração qualquer cirurgia é complicada", destaca Arthur.

No mais, a família relata que o ronco de Don se tornou quase uma forma de comunicação. Quando quer chamar a atenção de quem está na casa para brincar, passear ou pedir carinho, ele começa a roncar um pouco. Os familiares relatam que dá para perceber que o pet faz isso de maneira consciente. E que é diferente do ronco dormindo.

Uma dinâmica parecida é vivida por Layla Hafi, 23, tutora de outra buldogue francês, a Bebel, de 7 anos. Ela relata que o som se tornou tão familiar que o silêncio absoluto chega a preocupar. "Já estamos tão acostumadas que, quando ela está quietinha, até estranhamos. Vou olhar para ver se está viva mesmo", brinca a jovem.

Layla também aponta os cuidados diários exigidos pela condição da pet. "Ela tem uma respiração mais barulhenta, mesmo quando está acordada. Por isso, temos cuidado com o calor e evitamos atividades muito intensas. Uma caminhada já acaba com a bichinha, ela é bem gordinha. Mas o importante é ficar sempre de olho no bem-estar dela.".

Quando o ambiente e a idade pesam

O professor de Medicina Veterinária do Ceub Roberto de Aquino Filho chama atenção para o fato de que a anatomia não atua sozinha. Fatores externos e o envelhecimento podem piorar drasticamente o quadro. "A obesidade pode agravar as dificuldades respiratórias, porque reduz a amplitude dos movimentos do tórax durante a respiração. Animais com síndrome braquicefálica também costumam apresentar intolerância ao exercício físico, o que favorece o ganho de peso. Assim, uma condição pode agravar a outra", explica.

O professor ressalta que a idade avançada traz alertas cardíacos — em que o ronco pode vir acompanhado de tosse seca —, além de alergias, infecções, pólipos ou corpos estranhos que intensificam os ruídos e provocam espirros. O diagnóstico correto exige olhar clínico e exames complementares que vão desde a avaliação do histórico até radiografias, tomografias e rinoscopias.

Se o seu pet ronca, o conselho é unânime: não normalize. Ronco persistente, intolerância a passeios, engasgos ou respiração ruidosa em momentos de repouso são bilhetes de loteria que exigem a avaliação de um médico veterinário.

